

Apresentação:

Estudos funcionalistas e cognitivistas em perspectiva construcionista

Amanda Heiderich Marchon (Ufes)

Monclar Guimarães Lopes (UFF)

Nilza Barrozo Dias (UFF)

É com grande satisfação que apresentamos à comunidade acadêmica e científica este novo número da Revista (Con)Textos Linguísticos, que abriga um conjunto de dezessete artigos que versam sobre os estudos funcionalistas e cognitivistas em perspectiva construcionista. A esse respeito, cabe mencionar que, no Brasil, há uma profusão de pesquisadores originalmente funcionalistas¹ que, nos idos dos anos 2000, observaram uma grande compatibilidade entre a Linguística Funcional norte-americana e a Gramática de Construções (GC), dado que ambos os modelos partem do princípio de que os padrões gramaticais emergem do uso empírico da linguagem, de modo que uma teoria de descrição gramatical só se justifica quando suas análises partem de textos autênticos, produzidos nas diferentes modalidades e situações de produção do discurso. Para descrever essa interface entre funcionalismo e construcionismo, pesquisadores brasileiros têm utilizado diferentes rótulos, como Gramática de Construções Baseada no Uso, Linguística Baseada no Uso, Linguística Funcional Centrada no Uso e Modelos Baseados no Uso, refletindo as diversas nuances e ênfases dentro dessa abordagem.

Em linhas gerais, essa fusão de perspectivas teóricas apresenta em comum um modelo de descrição gramatical que se propõe a duas grandes frentes de trabalho: 1) buscar nos dados linguísticos evidências que nos permitam entender a realidade psicológica das línguas, no sentido de compreender como os seres humanos aprendem, armazenam e processam a linguagem, ou ainda, como estruturam sua gramática mental; 2) descrever os usos linguísticos em termos de suas propriedades da forma (fonológicas e morfossintáticas) ou do significado (semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais).

Os pesquisadores, apoiados na GC, partem do pressuposto de que a gramática de uma língua natural deve ser descrita, em sua totalidade, como um inventário de construções, isto é, uma rede de pareamentos simbólicos de forma e significado, interconectados entre si por diferentes relações. Segundo Diessel (2019, p. 12-13), elas podem ser de seis tipos:

¹ A título de ilustração, podemos citar os pesquisadores que compõem os grupos de pesquisa ELUS - Grupo de Estudos da Língua em Uso (UFES) -, D&G - Grupo de Estudos Discurso e Gramática (UFF) -, PorUs - Núcleo de Estudos Linguísticos do Português em Uso (UFF), representados aqui pelos organizadores deste número da (Con)Textos Linguísticos.

- a. Relações simbólicas, que conectam forma e significado;
- b. Relações sequenciais, que conectam elementos linguísticos em sequência;
- c. Relações taxonômicas, que conectam padrões linguísticos em diferentes níveis de abstração;
- d. Relações lexicais, que conectam lexemas com formas e significados similares ou contrastivos;
- e. Relações construcionais, que conectam construções de um mesmo nível de abstração;
- f. Relações de preenchimento de *slot*, que conectam lexemas particulares (ou sintagmas) com *slots* particulares dos esquemas construcionais.

Tais relações, para esse modelo de descrição gramatical, são o resultado da atuação de uma série de processos cognitivos gerais – e.g.: *memória enriquecida*, *chunking*, *analogia*, *categorização* etc. (cf. Bybee, 2010) –, observáveis em toda esfera de atuação humana, e não somente na linguagem. Dessa maneira, a GC busca nesses processos explanação para os fenômenos linguísticos, sobretudo aqueles que resultam diretamente de sua atuação ao longo do tempo.

Sobre esse aspecto, cabe mencionar que há diversos estudos desenvolvidos – tanto na perspectiva da Linguística Funcional norte-americana, mais tradicional, quanto na perspectiva construcionista, mais recente – que evidenciam a existência de uma trajetória previsível da mudança. Essa previsibilidade parte do pressuposto de que, se os seres humanos são dotados dos mesmos processos cognitivos gerais, os quais representam a principal (mas não a única) mola propulsora da variação e da mudança, os fenômenos linguísticos tendem a apresentar a mesma direcionalidade, ainda que em línguas não aparentadas.

No artigo que abre este dossiê temático, *Variantes sincrônicas da construção ditransitiva: uma análise centrada no uso*, Maria Angélica Furtado da Cunha discute o uso de configurações argumentais distintas da construção ditransitiva e os diferentes itens lexicais que podem preencher o *slot* verbal, apontando-se as diferenças em seus aspectos semânticos, morfossintáticos, discursivo-pragmáticos e cognitivos. No segundo artigo, *A diaconstrução funcional [SN (SVFUNC) X]: uma descrição de incompatibilidades no contexto de aquisição de PBL2 por aprendizes surdos*, Roberto de Freitas Junior e Hosana Sheila S. da Rosa Xavier desenvolvem a investigação pela observação de que alunos surdos de diferentes faixas etárias e níveis de escolaridade apresentam distorções nos usos da construção funcional [SN V_{FUNC} X], com os verbos SER e ESTAR no PB. Os autores sinalizam que trabalham com a hipótese de que aprendizes surdos podem não ter especificada a construção funcional [SN VFUNC X] do português do Brasil como L2 e suas microconstruções, mas apenas uma diaconstrução funcional [SN (SVFUNC) X], o que leva a

supergeneralizações, transferências e interferências no PBL2, refletidas em problemas sistêmicos na produção escrita desses indivíduos.

No artigo *Produtividade de padrões microconstrucionais x-nte: uma análise semântica*, Fernando da Silva Cordeiro analisa a produtividade dos padrões microconstrucionais da construção *x-nte* a partir de suas propriedades semânticas nos contextos em que ocorrem e nas propriedades relacionadas aos verbos recrutados por esses sentidos. Os resultados mostram que diferentes tipos semânticos de verbo e com diferenciados graus de atividade/agentividade podem figurar no *slot* vazio. No artigo *Um monte de sentidos: os diferentes usos de construções binominais quantificadoras*, Nuciene Caroline Amphilóphio Fumaux e Karen Sampaio Braga Alonso descrevem o uso de quatro construções binominais quantificadoras: "um monte de N2," "uma enxurrada de N2," "uma montanha de N2," e "uma chuva de N2," do ponto de vista da Linguística Baseada no Uso, sob a hipótese de que tais construções apresentam diferentes distribuições na língua, ou seja, não são sinônimos absolutos. As autoras apontam as propriedades semânticas específicas ligadas a cada construção, analisando-se seus componentes N2 bem como os significados evocados por "monte," "enxurrada," "montanha," e "chuva" dentro de cada construção.

No artigo *Construções com o verbo "chegar": usos e possíveis interrelações sob a perspectiva construcional*, Emanuel Cordeiro da Silva, Taís Siqueira do Nascimento e Vitor Gabriel Silva de Santana explicam que, no seu uso mais prototípico, o verbo "chegar" caracteriza-se, semanticamente, por expressar deslocamento físico e, sintaticamente, como monoargumental acompanhado de sintagma adverbial. Contudo, os autores discutem que, nas interações cotidianas, podem ser observadas instanciações diferentes: *ele é tão lindo que chega a doer* (Rede X, 10/04/2024). No artigo *Idiomaticidade na gramática: uma abordagem construcionista dos padrões idiomáticos com "VÊ/VEJA SE S" no português brasileiro*, Dennis de Oliveira Alves e Diogo Oliveira Ramires Pinheiro buscam descrever duas construções idiomáticas com VÊ/VEJA SE S (como "Vê se me devolve meu livro" e "Veja se meio-dia é hora de acordar") no português brasileiro contemporâneo, utilizando o arcabouço teórico da Gramática de Construções Baseada no Uso. Segundo os autores, essas construções idiomáticas se especializaram, respectivamente, (a) na função de dirigir uma repreensão preventiva ao interlocutor e (b) na de buscar a corroboração do interlocutor.

No artigo seguinte, *Metáfora e mudança semântica do arranjo [V por terra]*, Morgana Fabíola Cambrussi e Adriana Hoffmann investigam as mudanças de sentido do arranjo [V por terra] no seu processo de construcionalização, com foco nos sentidos metafóricos identificados em usos que indicam expansão semântica. Os resultados dessa análise indicaram que foi determinante a atuação de três metáforas primárias no processo de mudança semântica, sendo TEMPO É ESPAÇO e RUIM É PARA BAIXO duas metáforas de

base para o mapeamento conceitual e POR TERRA É RUÍNA/TÉRMINO uma metáfora que resulta *a posteriori*, representando as funções mais abstratas do arranjo. No artigo *O papel da dêixis em construções de evidencialidade com “quer ver”*, Rebeca Emerich Alvarez e Marcos Luiz Wiedemer investigam o papel da dêixis na construção evidencial [quer ver], denominada marcador de evidencialidade, ancorados na perspectiva teórica da Linguística Cognitiva, especificamente a partir dos estudos da dêixis de Marmaridou (2000), e do Funcionalismo Linguístico (Gívón, 2001). A partir da análise de contextos de usos de evidencialidade direta e indireta, os resultados indicam uma relação estreita entre a dêixis projetada pelo falante e a expressão da evidencialidade na construção [quer ver]. No artigo subsequente, "Uma análise de microconstruções com [vai saber] no português contemporâneo", Sabrina Reginatto e Solange Fortilli investigam as múltiplas funções da expressão [vai saber] no português atual. Fundamentando-se nos Modelos Baseados no Uso, que se ancoram em pressupostos funcionalistas e cognitivistas, as autoras identificam três microconstruções distintas associadas a [vai saber]: uma perífrase de futuridade, um marcador de dúvida e um marcador discursivo. A análise, de natureza sincrônica, baseia-se em dados extraídos do segmento Web/Dialetos do Corpus do Português (CP).

No artigo *Análise funcional dos usos de LONGE DE em língua portuguesa*, Ivo da Costa do Rosário e Gláucia Santos Nogueira, descrevem que há três padrões de uso de *longe de* na atual sincronia do português: padrão 1 (valor preposicional), padrão 2 (valor predicativo) e padrão 3 (valor conectivo). No padrão 1, [longe de]_{prep} serve para ligar sintagmas no nível suboracional. No padrão 2, [longe + de]_{pred} integra um sintagma cuja função é análoga à de um predicativo. Por fim, no padrão 3, que é o foco principal desta pesquisa, [longe de]_{connect} comporta-se como uma microconstrução com a função de conectar orações hipotáticas não finitas, veiculando a noção semântica de exclusão. No artigo *A expressão da causalidade no conector por isso: funções de conclusão, consequência e elaboração*, Monclar Guimarães Lopes e Mayra Laurindo Rabello descrevem os usos do conector *por isso* no português brasileiro contemporâneo com base nos domínios linguísticos da conexão, conforme abordagem de Sweetser (1990): o do conteúdo, o epistêmico e o dos atos de fala. Subsidiariamente, os autores propõem um refinamento para a identificação e a classificação da função desse conector nesses domínios a partir da análise de mais dois fatores: a) sucessão temporal (ou não) entre os segmentos discursivos (respectivamente D1 e D2) articulados pelo conector *por isso*; b) presença de conteúdo factual ou não factual em D2.

No artigo *Microconstruções conectoras de finalidade: [na tentativa de] e [em busca de]*, Amanda Heiderich Marchon, Gabriela Conceição e Silvana Francisco Guedes Camilo Costa analisam comparativamente as microconstruções conectoras de finalidade [na tentativa de] e [na busca de] instanciadas pelo subesquema [prep [det] N de]_{connect} vinculado

à rede [X de]_{connect}. As autoras destacam que, embora as cláusulas de finalidade prefaciadas pelas microconstruções em análise veiculem a noção de finalidade, observou-se significativa diferença no que se refere (i) à posição dessas cláusulas em relação à cláusula nuclear e (ii) ao grau de previsibilidade de realização do evento expresso pela cláusula de finalidade. No artigo *Articuladores de relação lógico-semântica, discursivo-argumentativa e de organização textual: descrevendo os padrões de uso de [sendo assim], [fora que] e [(es)pera aí]*, Milena Torres de Aguiar, Ana Cláudia Machado dos Santos e Ana Beatriz Arena descrevem alguns padrões funcionais de três microconstruções [sendo assim], [fora que] e [(es)pera aí], em seus usos como articulador lógico-semântico, articulador discursivo-argumentativo e articulador de organização textual, respectivamente. As autoras explicam que tais articuladores participam tanto da articulação textual, no nível microestrutural e intermediário, quanto da promoção dos sentidos em um texto

O artigo *O chunk “sei lá” em duas construções do português contemporâneo do Brasil*, de Mariangela Rios de Oliveira e Cristian Matias do Nascimento Corrêa, tem como objeto dois padrões construcionais que recrutam o chunk “sei lá” no português contemporâneo do Brasil: a construção marcadora discursiva [VLoc] e a construção de predicado nominal [(S) V_L (X) P]_{OPN}. Os autores assumem que o chunk [sei lá]_{MD} tem propriedades semântico-sintáticas que motivam, via analogização, nos termos de Bybee (2016) e Traugott e Trousdale (2021), o esquema [(S) V_L (X) sei lá_{adj}]_{OPN} e constatamos ainda contextos ambíguos, a meio caminho entre a marcação do discurso e predicação nominal. O artigo *“Brilhando de tão feliz”: propriedades formais e semânticas da construção graduadora de causa-efeito com intensificador*, de Edvaldo Balduino Bispo e Tiago Caian de Assis Silva, ancorado em pressupostos da Linguística Funcional Centrada no Uso, aborda aspectos formais e funcionais, particularmente semânticos, de uma estratégia de intensificação calcada na relação causa-efeito. Trata-se da construção graduadora de causa-efeito com intensificador (CGCEI), a qual licencia expressões como *suado de tanto estudar, brilhando de tão feliz e babando de tanta fofura*. Os autores caracterizam, em termos morfossintáticos, essa construção, considerando suas subpartes componentes, e discutir propriedades semânticas relacionadas às suas instâncias de uso.

O artigo *“Tá de brincadeira!”: análise de um padrão construcional idiomático do português brasileiro*, de Nedja Lima de Lucena e Elias Vinicius de Sousa Mata, investiga um padrão construcional do Português Brasileiro, [tá [de X]], expresso por meio de construtos como *tá de brincadeira, tá de mimimi, tá de sacanagem*, dentre outros, os quais têm sido frequentes na rede social X. Os autores descrevem a configuração formal e funcional desse padrão, analisando-o em termos das propriedades de esquematicidade, produtividade e composicionalidade, e analisam os contextos de uso em que é instanciado. O artigo *#Partiu: a Gramática de Construções e a Linguagem Multimodal*, de Agameton Ramsés

Justino e Michele Denise Silva, apresenta, a partir de um *corpus* não sistematizado em perspectiva sincrônica, os usos da construção #partiu, nas correlações entre a constituição da sua estrutura e os contextos discursivos e pragmáticos. Dentre as correlações encontradas, as mais produtivas são as postagens que vinculam a imagem do perfil do usuário à construção #partiu, colocando em evidência um sujeito pragmático que compõe *frames* de convite ao seu interlocutor ou de autopromoção.

Desejamos a todos uma excelente leitura!

Referências

BYBEE, J. **Language, usage and cognition**. New York: Cambridge University Press, 2010.

DIESSEL, H. **The Grammar Network**. How linguistic structure is shaped by language use. New York: Cambridge University Press, 2019.